

ESTRUTURAS COM ALÇAMENTO DE POSSUIDOR E A RESTRIÇÃO DE ENTIDADE AFETADA: EVIDÊNCIA PARA CONTROLE COMO MOVIMENTO

POSSESSOR RAISING AND THE AFFECTEDNESS CONSTRAINT: EVIDENCE FOR CONTROL AS MOVEMENT

CILENE RODRIGUES¹
Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro
crodrigues@puc-rio.br

Neste artigo, analisamos construções com possuidor em posição de sujeito sentencial, em português brasileiro *vis à vis* as noções de controle e alçamento/*raising*. Com base na restrição de entidade afetada, argumentamos que apenas construções envolvendo verbos incoativos servem de evidência para alçamento de possuidor. As construções com verbos inacusativos com alternância causativa são melhor analisadas como estruturas de controle, onde o DP na posição sujeito é interpretado como participando de duas relações temáticas, posse e entidade afetada. Nesse sentido, essas estruturas são similares àquelas envolvendo verbos transitivos agentivos, onde o possuidor na posição de sujeito é interpretado também como agente do evento denotado pelo predicado. Pressupondo que *vPs* causativos são fases, independentemente da transitividade, e que relações de controle são derivadas via movimento, nossa conclusão é que, em estruturas com predicados inacusativos com alternância causativa, o DP possuidor move-se primeiramente para uma posição temática intermediária, na borda do *vP*.

Palavras-chave: alçamento de possuidor, predicados intransitivos, restrição de objeto afetado, português brasileiro

This paper presents an analysis of possessor DPs in subject position in Brazilian Portuguese, considering the distinction between control and raising. Based on the so-called affectedness constraint, we argue that only structures involving inchoative verbs may serve as evidence for possessor raising. Structures with unaccusative predicates are better analyzed as instances of control, in that the subject DP is semantically linked to two thematic configurations (possessor, affected entity). Thus, these structures are similar to

¹ Agradeço aos organizadores do presente volume, Andrés Saab, Francisco Ordóñez, Sandra Quarezemin, e à Alba Valencia pelo cuidadoso trabalho de edição. O trabalho de vocês aplica a sabedoria de Mary Kato, *si trabajamos conjuntamente seremos más fuertes!* Agradeço também a Jairo Nunes, Ayrthon Breder, Francisco Ordóñez e Andrés Saab pelos comentários feitos na primeira versão do presente artigo. Sou igualmente agradecida aos revisadores da Revista. A pesquisa aqui relatada faz parte de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq (CNPq-Edital Universal/2018 (439434/2018-1).

marginalmente aceites. Em casos de posse inerente (e.g. parte do corpo e relações de parentesco), tanto pronomes como DPs plenos podem ocorrer como possuidor-dativo (Shibatani 1994).

3. a. ha-macber neheras le-dan Hebraico (Gafter 2014: 487)
o-carburador estragou.3Sg para-Dan
 ‘O carburador do Dan estragou.’
- b. Juan le rompió el coche al Pedro Espanhol (Fernández-Alcalde 214:80)
Juan o quebrou o carro DAT Pedro
 ‘Juan quebrou o carro do Pedro.’
- c. Bello hat mir die hand gelectk Alemão (Lee-Schoenfeld 215: 1)
Bello tem me-DAT the hand lambido
 ‘Bello lambeu a minha mão.’
- d. Le médecin leur a examine la gorge Francês (Vergnaud e Zubizarreta 1992: 597)
o médico os.DAT tem-3SG examinado a garganta
 ‘O médico examinou a garganta deles.’

O possuidor externo pode ser realizado também em posição de sujeito (possuidor-nominativo), como exemplificado em (4):

4. a. The car burst a tire English (Hole 2004:372)
o carro estourou um pneu
 ‘O carro explodiu um pneu.’
- b. Tā duàn-le tuǐ- le Chinês Mandarim (Hole 2004: 372)
ela/ele quebrar-PRT perna- PRT
 ‘Ela/ele quebrou a perna.’
- c. Der junge entwickelte brüste Alemão (Hole 2004: 372)
os meninos cresceram peitos
 ‘Os meninos cresceram peitos.’
- d. Taroo-wa Hanako-ni atama-o nagur-are-ta Japonês (Shibatani 1995:463)
Taroo-TOP Hanako-DAT head-ACC hit-PASS-PAST
 ‘Taroo was hit in the head by Hanako.’

Os dados em (4) envolvem verbos inacusativos e passivos. No entanto, o possuidor-nominativo ocorre também com predicados transitivos:

5. a. Husa toktekgal ‘temisoh Passamaquoddy (Campana 1994: 47)
Husa chutou.3Sg cachorro.3Sg
 ‘O Husa₁ chutou o cachorro dele_{1/*2}.’
- b. Ó sarà áka Igbo (Hyman *et al.* 1970: 87)
ele lavou mão
 ‘Ele lavou a mão.’
- c. Les enfants on levé les main Francês (Vergnaud e Zubizarreta 1992: 596)
as crianças tem lavado as mãos
 ‘As crianças lavaram as mãos.’

No português brasileiro (PB), estruturas descontínuas de posse são bastante produtivas. No entanto, não é claro que todas as construções descritas acima ocorram no PB. Por exemplo, os dados em (6), casos de formação de verbos parassintéticos com o padrão estrutural em (7), podem parecer, à primeira vista, envolver incorporação sintática do nome possuído a uma estrutura verbal, de maneira similar ao que ocorre em (1).

6. a. A Maria despelou o porco.
(= A Maria tirou a pele do porco.)
b. A Maria depenou a galinha.
(= A Maria tirou as penas da galinha.)
c. O cozinheiro desossou o frango.
(= O cozinheiro tirou os ossos do frango.)
7. *des-X-ar*

No que pese a leitura composicional de posse observada em (6), não há evidência clara de que os verbos dessas construções são formados via incorporação sintática do nome possuído. Baker (1988, 1996) e Di Sciullo e Williams (1987) observam que nomes incorporados sintaticamente são referenciais, podendo servir como antecedentes para pronomes, como exemplificado em (8)²:

8. The^Λ're' wa'- ke- nakt- a-hnúnu-' Mohawk (Baker, 1996: 288)
ontem FACT- 1Sg.AG- cama- Ø-buy.PONT
I -k- her-e' Uwári ^Λ- ye- núhwe'-ne'
Ø-1Sg.AG- think-STAT Mary FUT- 3F.Sg.AG like- PONT
'Ontem eu comprei uma cama. Eu acho que a Maria vai gostar dela'

Em contraste, os dados em (9) demonstram que os nomes incorporados não funcionam como antecedentes:

9. a. #A Maria despelou o porco. Eu acho que ela era muito macia.
(ela = pele)
b. # A Maria depenou a galinha e fez um enfeite com elas.
(elas = penas)
c. # O cozinheiro desossou o frango e fez um caldo com eles.
(eles = ossos)

Barrie e Mathieu (2015) argumentam que a incorporação sintática de nomes pode também resultar em encalhamento de material presente dentro do sintagma nominal. (10), por exemplo, ilustra casos de encalhamento de possessivos e de pronomes demonstrativos.

10. a. n- gii- bimoom- aawazo- e Zhaabdiis Ojibua (Barrie e Mathieu
1Sg- Pass- junto. levar. em. costas- criança-VAI John 2015: 3)
'Eu carreguei esta criança do João nas costas.'

² Glosa para os exemplos (8) e (10): FACT = Factual, PONT = Pontual, AG =Agentivo, STAT =estativo, VAI – Verbo Animado Intransitivo.

- b. wa²- k- nakt- hninu- ˑ nɛke² Onondaga (Barrie e Mathieu 2015: 3-4)
FACT- 1Sg cama- comprar PONT aquela
 ‘Eu comprei aquela cama.’

Além do DP com leitura possessiva, as construções do PB não licenciam encalhamento de nenhum outro material dentro do sintagma nominal de posse:

11. a. A Maria despelou porco.
 (cf. A Maria tirou a pele do porco.)
 b. *A Maria depenou essas da galinha
 (cf. A Maria tirou essas penas da galinha.)
 c. *O cozinheiro desossou todos o frango
 (cf. O cozinheiro tirou todos os ossos do frango.)

Observe ainda que, nos casos de incorporações sintáticas ilustrados acima, o verbo se torna intransitivo. Em Objibua, (10a), por exemplo, a intransitividade é morfologicamente marcada pelo morfema *-e* (VAI – Verbo Animado Intransitivo). Note que, apesar da presença do DP possessivo, a estrutura de (10a) é marcada morfologicamente como intransitiva. Nos dados do PB, o verbo parece ser obrigatoriamente transitivo, tomando, como argumento interno, o DP com leitura de possessivo. As sentenças em (12) são agramaticais porque o argumento interno não está mapeado na estrutura sintática. (13), casos em que o possessivo é pronominal, mostra que o DP possessivo recebe caso acusativo.

12. a. *A Maria despelou
 b. *A Maria depenou
 c. *O cozinheiro desossou
13. a. A Maria me despelou.
 b. A maria a depenou.
 c. A Maria o desossou.

Conclui-se, portanto, que essas estruturas do PB não envolvem o mesmo processo de incorporação sintática do nome possuído proposto para as sentenças em (1)³.

Em contraposição, estruturas com possuidor-acusativo seguido de um sintagma preposicionado contendo o DP possessivo são bem atestadas em PB⁴:

14. a. Ele me beijou na boca.
 b. O monstro puxou o menino pelo cabelo.
 c. Você pegou o cachorro pelo rabo.

³ Para uma análise da formação de verbos parassintéticos, ver Villalva (1994), Medeiros (2010, 2016), Armelin e Melo (2018).

⁴ Não iremos analisar estas estruturas no presente artigo, mas acreditamos que seria possível tratar a preposição como um *linker* no sentido proposto por den Dikken (2006a), onde o possuidor ocupa a posição de especificador do sintagma projetado pela preposição, complemento do verbo. Se assim for, a marcação do possuidor com Caso acusativo pode ser resultado de marcação excepcional de caso. Para uma caracterização destas construções *vis à vis* estruturas com possuidor-dativo, veja Lødrup (2018).

Possuidor-acusativo ocorre também em sentenças como (15), as quais se assemelham em significado às sentenças com possuidor-dativo em (3). No entanto, estas estruturas são muito pouco produtivas em PB, podendo estar restritas a alguns dialetos. No nosso dialeto, ocorrem apenas com clíticos de primeira e segunda pessoa do singular. Pronomes ou DPs plenos não são licenciados, como exemplificado em (16). Note que (16b), onde o possuidor é realizado dentro do DP possessivo, é plenamente aceitável. (16a) é aceitável sem leitura de posse.

15. a. Você pode me pintar as unhas?
- b. O João me cortou o cabelo.
- c. O médico me operou o estômago.
16. a. *Você pode pintar as unhas para a Maria/ela
- b. Você pode pintar as unhas da Maria para ela.

Observe também que, em contraste com as construções de possuidor-dativo em (3), o clítico em (15) é marcado com caso acusativo. Se o possuidor for marcado com dativo, como em (17), a presença de um pronome dentro do DP possessivo torna-se obrigatória. Sem o pronome, a interpretação de posse inerente só é possível em contextos bastante específicos. Não havendo leitura de posse, as sentenças em (17) são aceitáveis sem o pronome possessivo.

17. a. Você pinta as *(minhas) unhas para mim?
- b. Você pode cortar o *(meu) cabelo para mim?
- c. O médico operou o *(meu) estômago para mim.

Estruturas com possuidor-nominativo também são bastante frequentes em PB, e podem ocorrer tanto com predicados inacusativos com alternância causativa (18), como com predicados transitivos (19):

18. a. A geladeira queimou o termostato.
- b. A Maria quebrou o pé.
- c. O carro furou o pneu.
19. a. A Maria encontrou a irmã.
- b. A Sônia lavou a mão.
- c. O Pedro ama a mãe.

Os dados em (18) e (19) têm sido usados como argumento para análises derivacionais em que o possuidor movimenta-se diretamente para a posição de sujeito (estruturas de alçamento – com apenas uma posição temática envolvida) ou movimenta-se para a posição de argumento externo do predicado e depois para a posição de sujeito (estruturas de controle, com duas posições temáticas envolvidas, derivadas via movimento como explicaremos abaixo). As estruturas de alçamento envolvem sintagmas verbais inacusativos como em (18), e têm recebido análises em que o possuidor é realizado em posição de tópico ou em posição de sujeito (Spec, TP) (*cf.* Galves 1998, 2001; Rodrigues 2004, 2010; Lobato 2007; Lunguinho 2006, *inter alia*). As estruturas de controle envolvem verbos transitivos agentivos, como em (19), e mais

recentemente têm sido analisadas como resultado de movimento para posição temática, à *la Hornstein* (1999, 2001) (*cf.* Floripi 2004; Rodrigues 2004, 2010; Floripi e Nunes 2009; Rodrigues e dal Pozzo 2017).

No que se segue, reexaminamos os dados em (18) argumentando não se tratar de estruturas de alçamento, mas de controle. Como veremos, não há identidade semântica entre as sentenças em (18) e (20).

- 20. a. O termostato da geladeira queimou.
- b. O pé da Maria quebrou.
- c. O pneu do carro furou.

Em contraste com (20), o possuidor em (18) está sujeito à restrição de entidade afetada. Isto é, (18), mas não (20), invoca leitura semântica em que o possuidor é afetado pelo evento denotado pelo predicado. Sugerimos, portanto, que em (18), o possuidor recebe dois papéis temáticos, ou participa de duas configurações temáticas, envolvendo posse e entidade afetada. Em seguida, adotando uma análise de controle como resultado de movimento, consideramos que a derivação das sentenças (18) envolve movimento do possuidor para uma posição temática intermediária, dentro da concha do *vP*.

Se nossa análise estiver correta, alçamento do possuidor direto para a posição de sujeito ocorre apenas quando o predicado é incoativo (Cançado e Amaral 2010), como em (21), onde não há uma posição temática intermediária envolvida. Isto é, as sentenças (21) não forçam uma interpretação de entidade afetada sobre o possuidor, não havendo, portanto, diferença semântica entre (21) e (22):

- 21. a. O João cresceu as unhas.
- b. O neném nasceu os dentinhos.
- c. O gato caiu os pelos do bigode.
- d. O cavalo apodreceu o casco.
- 22. a. As unhas do João cresceram.
- b. Os dentinhos do bebê nasceram.
- c. Os pelos do bigode do gato caíram.
- d. O casco do cavalo apodreceu.

As próximas seções estão organizadas da seguinte maneira: na seção 2, apresentamos a condição de entidade afetada, analisando a sua aplicabilidade em casos de possuidor-nominativo com predicados inacusativos e incoativos. Na seção 3, pressupondo que a derivação sintática se desenrola em ciclos de aplicação de *spell-out/transfer* (teoria de fases), discutimos uma análise de movimento para as estruturas de controle em (18) e de alçamento em (21). Na seção 4, apresentamos a conclusão.

2. RESTRIÇÃO DE ENTIDADE AFETADA E POSSUIDOR-NOMINATIVO COM PREDICADOS INACUSATIVOS: EVIDÊNCIA DE CONTROLE

2.1. Sobre a condição de entidade afetada como papel temático

A restrição de entidade afetada (*affectedness constraint*) é de natureza sintático-semântica e expressa o fato de a entidade denotada pelo argumento interno direto do verbo ser de alguma maneira afetada ou atingida pelo evento relacionado ao predicado verbal. Entende-se que entidades sujeitas à esta restrição sofrem mudança de estado, localização ou existência em decorrência do evento descrito pelo verbo (Anderson 1978, 1979, 2006; Egerdand 1998; Beavers 2011, entre outros).

Esta restrição está vinculada a vários processos sintáticos como formação de passivas nominais, construções médias, licenciamento de objetos nulos, entre outros (*cf.* Anderson 2006). Passivas nominais, por exemplo, são possíveis apenas quando o objeto lógico é interpretado como afetado pelo evento descrito (Anderson 1979):

23. a. The enemy destroyed the city.
o inimigo destruiu a cidade
'O inimigo destruiu a cidade.'
- b. the city's destruction (by the enemy)
a cidade-GEN destruição por o inimigo
'a destruição de cidade pelo inimigo'
24. a. John knows astronomy.
John conhece astronomia
'O John conhece astronomia.'
- b. *the astronomy's knowledge (by John)
a astronomia-GEN conhecimento (por John)
'o conhecimento de astronomia pelo João'

A formação de estruturas médias também parece estar sujeita à mesma restrição (Jaeggli 1986; Roberts 1987; Tenny 1987; Fagan 1988)⁵:

25. a. This wood splits easily.
essa madeira racha facilmente
'Essa madeira (se) racha facilmente.'
- b. *French acquires easily.
Francês acquire facilmente
'Francês se adquire facilmente.'

Apenas o argumento interno direto, relacionado ao papel temático de tema, está sujeito à restrição de entidade afetada e, de acordo com Tenny (1987), isto se deve a características

⁵ Observe que a generalização é formulada da seguinte maneira: apenas predicados com leitura de entidade afetada podem formar médias. Não há, no entanto, nenhuma obrigatoriedade de que todos os predicados com esse tipo de leitura formam médias. O dado em (i) ilustra a questão (Hale e Keyser 1987)

(i) This door hits easily.
essa porta acerta facilmente
'Essa porta se acerta facilmente.'

aspectuais de delimitação do evento. Isto é, a restrição de entidade afetada é uma propriedade aspectual do predicado verbal. Verbos que têm a propriedade aspectual de evento delimitado selecionam como argumento interno DPs capazes de demarcar o término do evento.

Nesta linha de análise, investigações mais recentes propõem que a restrição de entidade afetada envolve tanto o argumento interno direto quanto uma escala de afetação projetada pelo próprio verbo, sendo que a relação entre esta escala e o argumento interno direto se dá por meio das propriedades aspectuais do evento (Kenedy e Levin 2008; Beavers 2011; Arsenijevic *et al.* 2020). Beavers (2011) sugere que essa relação envolve uma configuração temática.

Pesquisas sobre construções com possuidor externo têm contribuído para um melhor entendimento da restrição de entidade afetada ao mostrarem que esta restrição pode recair sobre o possuidor. De acordo com a literatura sobre possuidor-dativo, nas sentenças em (3), repetidas abaixo como (26), o possuidor é necessariamente interpretado como afetado pelo evento vinculado ao predicado verbal.

26. a. ha-macber neheras le-dan Hebraico (Gaftér 2014: 487)
o-carburador estragou.3Sg para-Dan
 ‘O carburador do Dan estragou’
- b. Juan le rompió el coche al Pedro Espanhol (Fernández-Alcalde 214:80)
Juan o quebrou o carro DAT Pedro
 ‘Juan quebrou o carro do Pedro’
- c. Bello hat mir die hand gelectk Alemão (Lee-Schoenfeld 215: 1)
Bello tem me-DAT the hand lambido
 ‘Bello lambeu a minha mão’
- d. Le médecin leur a examine la gorge Francês (Vergnaud e Zubizarreta
o médico os.DAT tem-3SG examinado a garganta
 1992: 597)
 ‘O médico examinou a garganta deles’

Parte dessas pesquisas defende que o possuidor-dativo recebe o papel temático de entidade afetada/benefactivo em sua posição superficial. Esta conclusão motivou, dentro do arcabouço da Teoria da Regência e Ligação, análises em que o possuidor-dativo é inserido diretamente na posição superficial sendo coindexado com uma categoria nula que recebe o papel temático de possuidor dentro do DP possessivo (PRO em Gueron (1985) e Borer e Grodzinsky (1986), *pro* em Authier (1992), e operador nulo em Tellier (1991)).

Landau (1999) propõe que, em hebraico, sentenças com possuidor-dativo envolvem movimento do possuidor para [Spec,VP], mas nega que esta seja uma posição temática. O autor defende que o movimento do possuidor é engatilhado somente pelo traço não interpretável de Caso, considerando que a restrição de entidade afetada não deve ser entendida como resultado de uma configuração temática. Landau argumenta que a noção de entidade afetada é difusa, e não explica todos os dados do hebraico. Por exemplo, embora alguns verbos de percepção sejam compatíveis com possuidor-dativo, outros não são, e não é claro que haja diferença semântica em termos de entidade afetada entre esses verbos.

No que pese a observação de Landau, é importante ressaltar que não há na literatura nenhuma evidência empírica ou teórica fortemente embasada contra análises que formalizam a noção de entidade afetada em termos de papel temático ou configuração temática. É também importante considerar os diagnósticos empíricos apresentados na literatura em favor da restrição

de entidade afetada como uma restrição sobre processos sintáticos, em especial sobre o licenciamento de possuidor externo, fenômeno em investigação no presente artigo.

Anderson (1979, 2006) e Beavers (2011) observam que a restrição de que se fala impõe uma pressuposição de existência sobre o objeto afetado. Isto é, a existência do objeto é anterior ao evento que o afeta ou é criada como consequência do mesmo. O significado de (27), por exemplo, invoca a existência do objeto *a cidade* antes do evento denotado pelo nome *destruction*.

27. the city's destruction (by the enemy)
a cidade-GEN destruição por o inimigo
 'a destruição da cidade pelo inimigo'

O mesmo se observa em casos de possuidor-dativo. O enunciado em (28) é infeliz se a entidade denotada pelo DP *o vizinho* for um defunto. Isto é, uma entidade inexistente no momento do enunciado (Lee-Schoenfeld 2006; Deal 2013)

28. Tim hat der Nachbarin das auto gewaschen. Alemão (Lee-Schoenfeld,
Tim tem o vizinho DAT.FEM carro lavado 2006: 102)
 'Tim lavou o carro do vizinho.'

Como consequência da aplicação da restrição de entidade afetada sobre o possuidor, observa-se também, em casos de posse envolvendo partes do corpo, um acarretamento semântico do resultado do evento sobre o possuidor (Deal 2013). Assim, em (29), dados do alemão e do francês, temos os seguintes acarretamentos:

29. a. Bello hat mir die hand gelectk. = *Bello me lambeu*
Bello tem me-DAT a mão lambido
 'Bello lambeu a minha mão.'
- b. Le médecin leur a examine la gorge. = O médico os examinou
o médico os-DAT tem-3SG examinado a garganta
 'O médico examinou a garganta deles.'

Diferentes posições dentro da estrutura argumental projetada pelo verbo têm sido consideradas como posição de *spell-out* do possuidor-dativo, embora, como já mencionado, nem todos os autores defendem essa posição como uma posição temática (e.g. [Spec, VP] em Landau (1999), [Spec, μ P] em Deal (2013), [Spec, ApplicativeP] em Nie (2019)). Não irei, no presente artigo, propor uma nova categoria ou argumentar a favor de uma das categorias propostas. Meu objetivo é apenas mostrar que, em PB, tal categoria, qualquer que seja, está envolvida na derivação de estruturas com possuidor-nominativo e predicado inacusativo. Para efeitos de implementação da análise proposta, usarei o termo genérico XP para designar a projeção. A escolha de XP alerta para o fato de ainda não sabermos com certeza quais traços compõem a categoria em pauta.

2.2. Possuidor-nominativo e tipos de predicados verbais em PB

Como apresentando acima, em PB, o possuidor-nominativo pode ocorrer com predicados transitivos agentivos (30), inacusativos (31), e incoativos (32):

30. O João encontrou a irmã.
31. O Pedro quebrou a mão.
32. O neném nasceu os dentinhos.

As análises disponíveis na literatura sobre o fenômeno consideram que sentenças envolvendo verbos transitivos agentivos (30) exemplificam estruturas de controle, nas quais o constituinte na posição de sujeito é semanticamente vinculado aos papéis temáticos de possuidor e agente (Floripi 2004; Rodrigues 2004, 2010; Nunes e Floripi 2009; Rodrigues e dal Pozzo, 2017). Em contraste, possuidor-nominativo com verbos inacusativos e incoativos (31-32) são tratados como estruturas de alçamento, sendo o sujeito interpretado apenas como possuidor (Rodrigues 2004, 2010; Lunguinho 2006; Cançado e Negrão 2010)⁶.

No entanto, se entendermos a restrição de entidade afetada como resultante de uma configuração temática entre o elemento afetado e propriedades aspectuais do predicado, necessitamos reexaminar as estruturas em (31) e (32), verificando a possível aplicação desta restrição ao possuidor. Essa verificação é importante para decidirmos se estamos lidando com estruturas de controle ou de alçamento.

Primeiramente, verifica-se que, em estruturas com possuidor-nominativo e predicado inacusativo, há pressuposição de existência em relação ao possuidor. Os dados em (33) ilustram a questão. (33a) é um enunciado adequado, mas (33b), não. A diferença é que o possuidor é uma entidade existente em (33a), mas não em (33b).

33. a. O Trump vai arrebentar o braço (na mudança de volta para Nova York).
- b. #O Lincoln vai arrebentar o braço (na mudança para o túmulo da família).

Este contraste desaparece se o possuidor é realizado *in situ*, dentro do DP possessivo, como em (34):

34. a. O braço do Trump vai (se) arrebentar
- b. O braço do Lincoln vai (se) arrebentar.

O contraste acima é ainda mais nítido em casos como (35) e (36). Não há nenhuma diferença de aceitabilidade entre (35a) e (35b). Em contraposição, apenas (36b) é plenamente aceitável em um contexto ordinário. A aceitabilidade de (36a) exige a construção de um contexto especial, em que a entidade afetada (o *porco*) está viva.

35. a. Vish! Você esturricou o dedo na frigideira!
- b. Vish! Seu dedo esturricou na frigideira!
36. a. #Vish! O porco esturricou a costela na frigideira!
- b. Vish! A costela do porco esturricou na frigideira!

⁶ Cançado e Negrão (2010) argumentam que nem todas as estruturas com verbos inacusativos são idênticas. Estruturas com verbos como *cortar* (i) envolvem um passo derivacional de movimento do constituinte contendo o DP possessivo para uma posição de [Spec vP] (*smuggling* no sentido de Collins (2005)). As estruturas com verbos da classe de *quebrar* (ii) não envolvem este movimento. Não iremos discutir essa questão no presente artigo, mas vale ressaltar que as consequências derivacionais desta observação são as mesmas que apresentaremos na seção 3 para configurações de controle como resultado de movimento.

(i) O João cortou o cabelo.
(ii) O João quebrou a perna.

Há, portanto, diferença de interpretação entre possuidor externo (possuidor-nominativo) e possuidor interno (possuidor-genitivo).

Em concordância com a restrição de entidade afetada, ocorre também, em estruturas com possuidor nominativo e predicado inacusativo, acarretamento do resultado do evento sobre o possuidor:

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 37. a. O Trump arrebentou o braço. | ⊨ O Trump se arrebentou |
| b. Eu esturriquei o dedo na frigideira. | ⊨ Eu me esturriquei na frigideira |
| c. Eu cortei a mão. | ⊨ eu me cortei |
| d. Eu queimei o dedo. | ⊨ Eu me queimei |

Observe que todos os verbos acima apresentam alternância causativa (38), tratando-se, portanto, de verbos inacusativos com alternância causativa.

38. a. O Bolsonaro arrebentou o braço do Trump.
 b. Você esturricou meu dedo na frigideira.
 c. Você cortou minha mão.
 e. O José queimou meu dedo.

Em contraposição, em construções com possuidor-nominativo e predicado incoativo (ou seja, predicados que não admitem alternância causativa (39)), não é claro que haja pressuposição de existência do possuidor. As sentenças em (40), por exemplo, são plenamente aceitáveis:

39. a. *O Bolsonaro cresceu o cabelo do Trump
 b. *O Bolsonaro apodreceu as unhas do trump
 c. *O Bolsonaro caiu os dentes do trump
40. a. O defunto cresceu o cabelo.
 b. O defunto apodreceu as unhas.
 c. O defunto caiu os dentes.

Também não ocorre acarretamento do resultado do evento sobre o possuidor:

- | | |
|----------------------------------|----------------------|
| 41. a. O Trump cresceu o cabelo. | *⊨ O Trump cresceu |
| b. O Trump apodreceu as unhas. | *⊨ O Trump apodreceu |
| c. O Trump caiu os dentes. | *⊨ O Trump caiu |

É adequado, portanto, diferenciar estruturas com possuidor-nominativo e predicado inacusativo de estruturas com possuidor-nominativo e predicados incoativo. Entendendo a noção de entidade afetada como resultante de uma configuração temática, concluímos que construções com possuidor-nominativo e predicado inacusativo são estruturas de controle, no sentido de que o DP-sujeito está semanticamente vinculado a duas configurações temáticas

(posse e entidade afetada). Em oposição, as construções com possuidor-nominativo e predicado incoativo são estruturas de alçamento, pois o DP-sujeito participa apenas da configuração temática de posse.

No que se segue, considerando a redução das relações de controle a dependências criadas por movimento (Hornstein 1999, 2001), e ponderando sobre a possibilidade de vPs inacusativos serem fases, domínios de *spell-out/transfer*, sugerimos que a derivação de estruturas com possuidor-nominativo e predicado inacusativo envolve movimento do possuidor para uma posição intermediária, na borda do vP, onde o papel temático de entidade afetada é atribuído, ao passo que a derivação de estruturas com possuidor-nominativo e predicado incoativo não envolve tal movimento.

3. POSSUIDOR-NOMINATIVO COMO RESULTADO DE MOVIMENTO INTERMEDIÁRIO PARA POSIÇÃO TEMÁTICA

3.1. Derivando controle obrigatório via movimento

Floripi (2003), Rodrigues (2004, 2010) e Floripi e Nunes (2009) adotam a teoria de movimento para controle (Hornstein 1999, 2001) e argumentam que as construções com possuidor-nominativo são derivadas via movimento, como exemplificado em (42):

42. [TP [DP a Maria]_{INom} [vP *t*_{1Agente} abraçou [DP a irmã *t*_{1Possuidor}]]]

Rodrigues (2004, 2010) oferece, como evidência de movimento, o fato de a categoria vazia dentro do DP possessivo ser obrigatoriamente controlada, passando, portanto, todos os diagnósticos usados para caracterizar controle obrigatório como movimento, e também não ocorrer dentro de ilhas como DPs específicos e orações relativas.

Os dados em (43-48), apresentados em Rodrigues (2010), sugerem que um possessivo vazio é obrigatoriamente controlado. Primeiro, há exigência de um antecedente local c-comandante. Portanto, das sentenças em (43), apenas (43e) é gramatical. (43a-b) não proveem antecedente para a categoria vazia na posição de possuidor. Em (43c), o antecedente não c-comanda a categoria vazia, e em (43d), o antecedente não é local)⁷.

43. a. *Parece que [o irmão *e*] foi encontrado
 b. *O João₁ encontrou [o irmão *e*₂] no supermercado
 c. *[o pai d[o João]₁]₂ encontrou [o irmão *e*₁] no supermercado
 d. *O João₁ disse que o Pedro₂ encontrou [o irmão *e*₁] no supermercado
 e. O João₁ encontrou [o irmão *e*₁] no supermercado

Note que antecedentes cindidos também não são aceitáveis:

44. *?A Maria₁ disse que o Paulo₂ encontrou [o irmão *e*₁₊₂]

⁷ Ver Rodrigues e dal Pozzo (2017) para evidências experimentais a favor do comportamento anafórico de possuidores nulos em PB e em Finlandês.

Em casos de elisão de VP, os dados demonstram que apenas a leitura *sloppy* é possível:

45. A Maria₁ bateu n[o irmão e₁] e a Ana também. (√ Leitura *sloppy*/*Leitura dêitica)

Ainda, apenas a leitura *de se* é licenciada. Por exemplo, dado o contexto em (46), a sentença em (47) é falsa, pois *Ronald Reagan* não se lembrava de sua própria mulher, mas da mulher de *Reagan*.

46.

Contexto: Devido à doença de Alzheimer, Ronald Reagan não tinha memórias sobre ele mesmo ou sobre as pessoas da sua família. Ele se lembrava de Nancy Reagan como mulher do ex-presidente Reagan. No entanto, ele não se reconhecia como sendo Reagan, o ex-presidente.

47. O Ronald Reagan₁ lembrava d[a esposa e₁]

Em casos de antecedentes com o formato [só-DP], apenas a leitura covariante (48a) é observada, a leitura invariante (48b) não ocorre:

48. Só a Maria respeita [o marido e]
 a. Só a Maria é *x* tal que *x* respeita o marido de *x*
 b. #Só a Maria é *x* tal que *x* respeita o marido da Maria

Uma categoria vazia na posição de possuidor também não é licenciada dentro de domínios não porosos para movimento, ilhas. DPs específicos, por exemplos, bloqueiam movimento (49a) e, conseqüentemente, não licenciam um possessivo vazio (49b):

49. a. *De quem₁ você viu [aquela irmã t₁]
 b. *O João₁ viu [aquela irmã e₁]

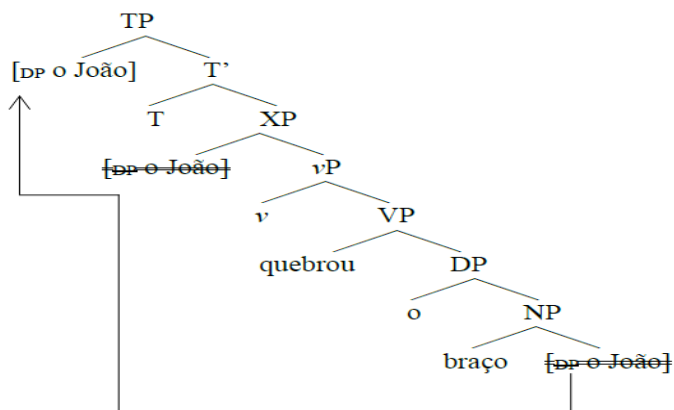
Em (50), o mesmo comportamento é observado no domínio de orações relativas:

50. a. *De quem₁ você viu a menina que beijou [o namorado t₁]
 b. *A Maria₁ viu a menina que beijou [o namorado e₁]

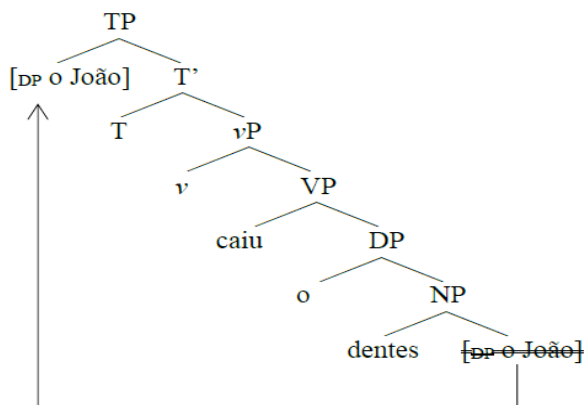
São robustas, portanto, as evidências a favor da análise de movimento para casos de possuidor-nominativo, a qual postula que, em estruturas com predicado transitivo agentivo, o possuidor move-se para [spec, vP] e depois para a [spec,TP] para valoração do traço de Caso. Em estruturas com predicados inacusativos e incoativos, tem-se proposto alçamento do possuidor da posição original, dentro do DP possessivo, direto para a posição de sujeito sentencial [Spec, TP], não considerando, portanto, as questões que levantamos na seção anterior relativas à condição de entidade afetada.

3.2. Movimento de possuidor-nominativo em estrutura com predicado inacusativo

Se as observações feitas na seção 2 estiverem corretas, em estruturas com verbos inacusativos, o possuidor movimenta-se para a posição de sujeito [Spec,TP], passando por posição intermediária dentro da estrutura do predicado verbal, onde se vincula ao papel temático de entidade afetada, como em (51).

51. *Estruturas com possuidor-nominativo e predicado inacusativo*

Em estruturas com verbos incoativos, o movimento é direto, sem envolvimento de posição temática intermediária, como esboçado em (52)⁸.

52. *Estruturas com possuidor-nominativo e predicado incoativo*

Lunguinho (2006), Cançado e Negrão (2010) argumentam que movimento do possuidor-nominativo envolve a posição de [Spec, DP], como em (53):

53. [... [DP o João] [D' a [NP braço [DP o João]]]]
- ↑

O argumento empírico apresentado a favor de (53) é a possibilidade de quantificador flutuante em posição linearmente adjacente ao DP de posse como em (54b):

54. a. Todos os carros furaram o pneu dianteiro.
 b. Os carros furaram todos [DP o pneu dianteiro]

⁸ Para simplificar as estruturas, em (51) e (52), não estamos representando o movimento do verbo para T, que talvez seja um fenômeno de PF (Chomsky, 2001). Estamos também apresentando um estrutura reduzida de DP.

A possibilidade de flutuação do quantificador entre o verbo e o DP de posse não é necessariamente evidência de cópia do possuidor em [Spec, DP]. Primeiro, é importante observar que temos evidência de que [Spec, DP] é uma posição A-barra, não argumental (Cinque 1980; Giorgi e Longobardi 1991; Szabolcsi 1983; Gavrusseva 2000), enquanto possuidor-nominativo envolve movimento argumental para [Spec, TP]. Portanto, movimento de um constituinte de [Spec, DP] para [Spec, TP] resulta em movimento impróprio (Chomsky, 1973, 1981; May 1979). Segundo, se a análise que estamos propondo aqui estiver no caminho certo, a derivação de (54b) segue como proposto em (51), com cópia do possuidor em [Spec, XP]. Isto é, o quantificador em (54b) pode estar em [Spec, XP] e não em [Spec, DP].

Dado que movimento de possuidor com predicados incoativos não envolve [Spec, XP] (52), podemos usar estruturas com predicado incoativo para testar a posição de quantificador flutuante. Considere, os dados em (55)-(57). O contraste em aceitabilidade entre estes dados e (54) indica que em (54b) o quantificador não está em [Spec, DP], mas em [Spec, XP]. Em (55-57), não ocorre movimento do possuidor para [Spec, XP] e, conseqüentemente, flutuação do quantificador dentro da estrutura argumental do verbo não é possível⁹.

55. a. Todas as crianças nasceram cabelo.
 b. ?*As crianças nasceram todas cabelo
56. a. Todos os meninos perderam as unhas.
 b. ?*Os meninos perderam todos as unhas
57. a. Todas as crianças caíram os dentes.
 b. ??As crianças caíram todas os dentes

Em resumo, flutuação baixa de quantificadores associados ao possuidor-nominativo evidencia movimento do possuidor para uma posição intermediária dentro do complexo verbal.

A seguir, consideraremos as implicações deste movimento para uma análise de controle como movimento dentro do modelo de fases, considerando, em particular, a possibilidade de todos os vPs causativos serem domínios de aplicação de *spell-out/transfer*, independentemente de sua transitividade.

3.3. Fases, vPs inacusativos e movimento para XP

Chomsky (2000, 2001) centra-se em questões relativas a domínios de localidade, considerando que estes resultam de contenções no aumento da complexidade sintática durante o processo derivacional. A proposta é que o espaço de trabalho não retém a derivação toda, apenas subderivações (nacos de estruturas) denominadas de fases. Isto é, o sistema computacional opera de maneira dinâmica, com múltiplas aplicações de *spell-out/transfer*. Determinadas categorias, ao se projetarem, desencadeiam processo de transferência de seu complemento para as interfaces, LF e PF. Portanto, essas categorias definem domínios derivacionais, uma vez que o material contido dentro de seus complementos, ao serem enviados para as interfaces, tornam-se indisponíveis para computações sintáticas posteriores. Há, dessa

⁹ Note que não há um impedimento geral de flutuação de quantificador dentro de VPs incoativos. Em (i), por exemplo, ocorre a flutuação em posição de objeto direto.

(i) As crianças nasceram todas cabeludas.

maneira, reduções constantes do volume de traços em manipulação pelo sistema computacional. Essa restrição derivacional, formalizada como *Condição de Impenetrabilidade da Fase* (*Phase Impenetrability Condition*), impõe que apenas o núcleo de uma fase e os constituintes que estiverem em sua borda podem ser acessados e manipulados depois que *spell-out/transfer* se aplicar, transferindo o complemento do núcleo da fase para as interfaces. Neste modelo, o sistema computacional e as interfaces trabalham em paralelo, com as interfaces operando também com nacos de estrutura. Enquanto o sistema computacional constrói a estrutura de uma fase, as interfaces aplicam as operações específicas de seus componentes à fase anterior.

Duas questões são cruciais para o entendimento da noção de fase. A primeira é definir quais categorias engatilham *spell-out/transfer*. Isto é, quais categorias definem fases. A segunda, que, na verdade precede a primeira, é estabelecer critérios formais para a definição de fases. Chomsky (2000) estabelece relação entre fases e interpretabilidade plena nas interfaces, concluindo que apenas *v* transitivo e C são núcleos de fases porque apenas *v*P transitivos e CPs são unidades sintáticas com correspondência em LF: *v*P transitivos fornecem a estrutura linguística completa de eventos e estados e CPs correspondem a proposições. No entanto, dado que as fases definem os nacos de estruturas a serem enviados isoladamente para as interfaces, espera-se que as mesmas estabeleçam domínios que sejam também independentes em relação a operações em PF e em LF. Por exemplo, em PF, as fases devem estabelecer domínios que possam ser isolados ou ainda que possam receber acento por meio da regra do acento nuclear. Em LF, esses domínios devem estabelecer a localidade de operações pós sintaxe manifesta, como alçamento de quantificador e processos de reconstrução de cópias. Na sintaxe, espera-se que as bordas das fases contenham um especificador que servia como posição de fuga, possibilitando a valoração de traços formais na fase posterior quando não for possível valorar esses traços dentro da fase em derivação.

Se apenas *v*P e CP são fases, prevê-se então que estas projeções, e apenas elas, apresentem as propriedades acima. De fato, resultados de pesquisas em várias línguas indicam que o CP é uma fase (*cf.* Fox (1999): efeitos de reconstrução em [Spec, CP] em casos de movimento -Qu; Matushansky (2005): efeito de isolabilidade e movimento em PF; Merchant (2001): elisão (*sluicing*) em PF; MacCloskey (2000): movimento -Qu com flutuação de quantificador em [Spec, CP]; Lasnik (2020): CP como domínio de alçamento de quantificador). Do mesmo modo, *v*P transitivos também se comportam como fases em diferentes línguas (*cf.* Van Urk (2015): licenciamento de pronomes resumptivos em [Spec, *v*P] em dinka; Henry (2012): flutuação de quantificadores em [spec *v*P] no inglês de Derry do leste; Fox (1999): movimento -Qu e efeitos de reconstrução em [Spec, *v*P] em inglês; Nissenbaum (2000): movimento via [Spec, *v*P] e licenciamento de lacunas parasíticas em inglês; Matushansky (2005): efeito de isolabilidade e fronteamento de predicado em PF em inglês).

Pesquisas com outras categorias, no entanto, indicam a possibilidade de projeções máximas diferentes de *v*P transitivo e CP corresponderem a fases. Dados o escopo do presente artigo, no que se segue, focaremos em *v*P inacusativos¹⁰.

Legate (2003) e Sauerland (2003) defendem, em oposição a Chomsky (2000), que *v*P inacusativos e passivos também definem domínios de aplicação de *spell-out/transfer*. Os argumentos apresentados por Legate e Sauerland baseiam-se em efeitos de reconstrução de cópias em LF. Legate apresenta também evidências baseadas em alçamento de quantificador, licenciamento de lacunas parasíticas e atribuição de acento frasal em concordância com a regra de atribuição de acento nuclear em PF. Por motivos de espaço, não reproduzirei aqui todos as

¹⁰ Veja Matushansky (2005) para discussão sobre DPs como delimitadores de fases.

evidências que Legate e Sauerland oferecem, apresento e discuto apenas duas das evidências disponíveis em Legate (2003): efeitos de ligação e reconstrução em LF, alçamento de quantificador em estruturas com antecedente contido em apagamento em inglês.

(58) indica reconstrução de cópia de sintagma -Qu no especificador do vP passivo. Para plena satisfação dos princípios de ligação B e C, em LF, o sintagma *at which of the parties that he invited Mary to* tem de ser reconstruído em uma posição entre o pronome *her*, que está dentro do vP, e o sujeito quantificado *every man*, que está em [Spec, TP]. Esta possibilidade de reconstrução indica que o vP passivo é uma fase, contendo, portanto, um especificador que serve de posição de fuga em casos de movimento -Qu.

58. [[at which of the parties that he₁ invited Mary₂ to] was [TP [every man]₁
em qual de as festas que ele convidou Mary para foi todo homem
 [vP ____Sítio de reconstrução [introduced to her₂]]]
apresentado a ela
 ‘Em qual das festas que todo homem que convidou a Mary foi apresentado a ela?’

A aceitabilidade de (59) indica que reconstrução de sintagma -Qu em especificador de vP também ocorre com predicados inacusativos¹¹:

59. [[at which ceremony that he₁ invited Mary₂ to] did [TP every winner₁'s name
em qual cerimônia que ele convidou Mary para PASS todo vencedor-GEN nome
 [vP ____Sítio de reconstrução [escape her₂]]]
escapou ela
 ‘Em qual das festas que todo homem que convidou a Mary teve seu nome esquecido por ela?’

Legate também apresenta casos de alçamento de quantificador em construções com antecedente contido em apagamento (*ACD - Antedecent-contained deletion*) como evidência de que vPs passivos e inacusativos são fases. Alçamento de quantificador é um movimento cíclico coberto, e o alvo do movimento é a borda da fase disponível em LF naquele momento da derivação. Ainda, a resolução estrutural de antecedente contido em apagamento força alçamento de quantificador (Chomsky e Lasnik 1993; Hornstein 1994; Fox 1995). Em (60), por exemplo, estrutura com vP transitivo, o quantificador *anyone* é alçado para possibilitar a resolução da estrutura. Dado o escopo amplo da negação, a posição para onde o quantificador se movimenta tem de ser abaixo da negação; ou seja, uma posição na borda do vP.

60. Mary didn't [v_P introduced John to [DP anyone you did [v_P e]]]
Mary PASS.NEG apresentou John a ninguém você PASS
 ‘A Mary não apresentou o John a ninguém que você apresentou’

O mesmo pode ser observado em vPs passivos e inacusativos, como observado por Legate:

61. Mary wasn't [v_P introduced to [DP anyone you were [v_P e]]]
Mary foi.NEG apresentanda a ninguém você foi

¹¹ Para viabilizar a testagem de vPs inacusativos, a autora usou o verbo *to escape* com significado de esquecer (exemplo em (i)) como exemplo de verbo inacusativo.

(i) The winner's name escaped Mary at the ceremony
o vencedor-GEN nome escapou Mary em a cerimônia
 ‘O nome do vencedor escapou da memória da Mary durante a cerimônia’

‘A Mary não foi apresentada a ninguém que você foi’

62. The road didn't [_{VP} go by [_{DP} any of the scenic spots you expected it to [_{VP} e]]
a estrada PASS.NEG passar por nenhuma de a cênica lugares você esperava ela INF
 ‘A estrada não passou por nenhum dos lugares cênicos que você esperava ela passar’

Centeno e Vicente (2008) também apresentam evidências de que estruturas com compartilhamento de elemento -Qu em espanhol envolvem movimento para a borda de vPs passivos e inacusativos, em concordância com a análise de que tais predicados projetam uma posição de especificador extra, comportando-se como fases. Os contrastes abaixo mostram, que, nessas estruturas, o objeto do segundo vP coordenado ocorre obrigatoriamente na borda da estrutura.

63. a. ¿Cuántos libros fueron [_{VP} vendidos] y [_{VP} revistas robadas ___]?
quantos livros foram vendidos e revistas roubadas
 ‘Quantos livros foram vendidos e quantas revistas foram roubadas?’
 b. *¿Cuántos libros fueron [_{VP} vendidos] y [_{VP} robadas revistas]?
quantos livros foram vendidos e roubadas revistas
64. a. ¿Cuántos hombres han [_{VP} entrado en el bar] y [_{VP} mujeres salido - de él]?
quantos homens tem entrado em o bar e mulheres saído de ele
 ‘Quantos homens entraram no bar e quantas mulheres saíram dele?’
 b. *¿Cuántos hombres han [_{VP} entrado en el bar] y [_{VP} salido mujeres de él]?
quantos homens tem entrado em o bar e saído mulheres de ele

Em relação à completude sintática atribuída a fases, Sigurðsson (2000) oferece evidências baseadas em dados do Islandês de que, em estruturas com predicados inacusativos, o Caso do argumento interno depende inteiramente de *v*, e não de T. O argumento interno tem seu traço de Caso valorado via relação de *Agree* com o *v* inacusativo.

Conclui-se, portanto, que apesar dos diagnósticos usados por Legate terem sido criticados na literatura (cf. Den Dikken 2006b), não é mesmo claro que apenas vPs transitivos determinam fases. Primeiro, a noção de fase fraca, proposta por Chomsky (2004) para agrupar vPs que não engatilham *spell-out/transfer*, carece de explanação formal e de testagem empírica consistente. Segundo, o termo inacusativo muitas vezes refere-se a uma classificação que engloba diferentes tipos de verbos, contendo subclasses com comportamento sintático, semântico e morfológico diferente. Terceiro, não é claro que haja diferenças estruturais (e.g. ausência da camada do vP) que justifiquem a classificação como fase e não-fase (ou como fase forte vs. fase fraca) das versões transitivas e intransitivas de predicados com alternância causativa. Se fases existem para conter o aumento da complexidade computacional, mantendo, no espaço de trabalho, um número limitado de categorias lexicais e funcionais, então vPs inacusativos também devem ser fases, visto que esses predicados contêm outras projeções além de VP e vP, como discutido na seção anterior.

Enfim, se as observações apresentadas neste artigo são cabíveis, estruturas com possuidor-nominativo e predicado inacusativo envolvem movimento do possuidor para uma posição intermediária dentro da estrutural argumental do verbo, como proposto em (51), e este movimento faz com que o possuidor escape do domínio do VP, o qual sofre *spell-out/transfer* quando a derivação atinge vP, tornando-se inacessível para operações computacionais posteriores. Desse modo, [Spec, XP] viabiliza a convergência dessas estruturas, garantindo a

acessibilidade do DP-possuidor ao TP, e conseqüente valoração do Caso nominativo. Isto é, se aceitarmos que (i) as evidências de que possuidor-nominativo envolve movimento e (ii) todo sintagma verbal com projeção do operador CAUSA (ν P causativo) induz a aplicação de *spell-out/transfer*, estabelecendo uma fase derivacional, então a derivação de estruturas com possuidor-nominativo e predicados inacusativos envolve necessariamente movimento intermediário com proposto na seção anterior. Sem este movimento a derivação não seria convergente, pois o possuidor seria enviado para as interfaces antes de valorar seu traço de Caso.

Em contraste, não é claro que a estrutura argumental de predicados incoativos apresente a mesma complexidade. Estes verbos não aceitam alternância causativa, como exemplificado em (65) e, em concordância com as evidências apresentadas em Koontz-Garboden (2007) para projeção sintática do operador de causa, não licenciam a presença do morfema *se*:

65. a. O João (*se) nasceu.
 b. O João (*se) caiu.
 c. A fruta (*se) apodreceu.

Portanto, embora representada na estrutura em (51), é possível que a camada ν P não seja projetada em predicados incoativos, o que justificaria a pressuposição de que a estrutura argumental destes verbos, em oposição à estrutura argumental de predicados inacusativos, não define fases derivacionais.

4. CONCLUSÃO

No presente artigo, argumentamos que estruturas com possuidor-nominativo e predicado inacusativo são configurações de controle, envolvendo a participação do DP-nominativo em duas configurações temáticas: posse e entidade afetada. Pressupondo uma análise de movimento para controle, sugerimos que a derivação destas estruturas envolve movimento para posição temática na borda do ν P e, tomando ν Ps como fases, sugerimos que este movimento intermediário do possuidor é o que garante a convergência da derivação. Essas estruturas são, portanto, similares àquelas de possuidor-nominativo e predicado transitivo agentivo, sendo ambas estruturas de controle, com dupla atribuição de papel temático ao DP na posição de sujeito. Estruturas de alçamento ocorrem com predicados incoativos, onde não é diagnosticado movimento de possuidor para posição temática dentro da estrutura projetada pelo verbo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, Mona. 1978. NP-Preposing in noun phrases, em *Proceedings of the Annual Meeting of the 1978th Northeastern Linguistic Society*: 12-21.
 Anderson, Mona. 1979. *Noun phrase structure*. Tese de doutorado. University of Connecticut, Storrs, Connecticut. Inédita.

- Anderson, Mona. 2006. Affectedness, em Martin Everaert, Henk van Riemsdijk (eds.) *The Blackwell companion to syntax*. Malden, MA: Blackwell Publishers: 121-141.
- Armelin, Paula Roberta Gabbai e Nilton Duarte Melo. 2018. Investigando a estrutura morfossintática das formações des-x-ar: um enfoque do fenômeno da parassíntese, em *Working papers em Linguística*, Universidade Federal de Santa Catarina: 90-116.
- Arsenijević, Boban, František Kratochvíl e Joanna Ut-Seong Sio. 2020. *Affectedness: an overview*. Manuscrito, disponível em http://compling.hss.ntu.edu.sg/events/2014-ws-affectedness/slides/Introduction_Final.pdf
- Authier, Jean-Marc. 1992. Is French a null subject language in the DP?, em *Probus*, 4: 1-16.
- Baker, Mark. 1988. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Baker, Mark. 1996. *The polysynthesis parameter*. Oxford: Oxford University Press.
- Barrie, Michael e Eric Mathieu. 2015. Noun incorporation and verbal movement, em *Natural Language and Linguistic Theory*, 34: 1-51.
- Beavers, John. 2011. On affectedness, em *Natural Language and Linguistic Theory*, 29: 335-370.
- Borer, Hagit e Yosef Grodzinsky. 1986. Syntactic vs. lexical cliticization: the case of Hebrew dative clitics, em Hagit Borer (ed.) *The syntax of pronominal clitics*. San Diego, CA: Academic Press: 175-217.
- Campana, Mark. 1994. Possessor licensing in Passamaquoddy, em William Cowan (ed.) *Actes du Vingt-Cinquième Congrès des Algonquistes*: 46-58.
- Cançado, Márcia e Luana Amaral. 2010. Representação lexical dos verbos incoativos e causativos no português brasileiro, em *Revista Abralín*, 9: 123-147.
- Cançado, Márcia e Esmerada Negrão. 2010. Two possessor raising constructions in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada no *VIII Workshop on Formal Linguistics*, Universidade de São Paulo, disponível em <file:///Users/cilenerodrigues/Downloads/workshopusp.pdf>
- Centeno, Naiara e Luis Vicente. 2008. *An argument in favor of a vP-phase boundary in raising, passive, and unaccusative verbs*. Manuscrito, Universidade de Illinois, Urbana-Champaign e Universidade da Califórnia, Santa Cruz.
- Chomsky, Noam. 1973. Conditions on transformations, em Stephen Anderson and Paul Kiparsky (eds.) *A festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart and Winston: 232-286.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, Noam. 2000. Minimalist inquiries: the framework, em Roger Martin, David Michaels, Juan Uriagereka (eds.) *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press: 89-155.
- Chomsky, Noam. 2001. Derivation by phase, em Michael Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A life in Language*. Cambridge, MA: The MIT Press: 1-52
- Chomsky, Noam. 2004. Beyond explanatory adequacy, em Adriana Belletti (ed.) *Structures and beyond*. Oxford: Oxford University Press: 104-131.
- Chomsky, Noam e Howard Lasnik. 1993. The theory of principles and parameters, em Joachim Jacobs, Arnim von Stechow, Wolfgang Sternefeld e Theo Vennemann (eds.) *Syntax: an international handbook of contemporary research*. Berlin: Walter de Gruyter: 506-569
- Cinque, Guglielmo. 1980. On extraction from NP in Italian, em *Journal of Italian Linguistics*, 5: 47-99.
- Collins, Chris. 2005. A smuggling approach to the passive in English, em *Syntax*, 8: 81-120
- Deal, Amy Rose. 2013. Possessor raising, em *Linguistic Inquiry*, 44: 391-432.
- Den Dikken, Marcel. 2006a. *Linkers and relators: the syntax of predication, predicate inversion and copulas*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Den Dikken, Marcel. 2006b. *A reappraisal of vP: a reply to Legate*. Manuscrito, CUNY University.
- Di Sciullo, Anna Maria, Edwin Williams. 1987. *On the definitions of word*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Egerland, Verner. 1998. The affectedness constraint and AspP, em *Studia Linguistica*, 521: 19-47
- Fagan, Sarah. 1988. The English middle, em *Linguistic Inquiry*, 19: 181-203.
- Fernández-Alcalde, Héctor. 2014. Two types of datives in Spanish: causative possession vs. possessor raising, em *Acta Linguistica Hungarica*, 61: 69-90.
- Floripi, Simone. 2004. Argumentos nulos dentro de DPs em português brasileiro. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas. Inédita.
- Floripi, Simone e Jairo Nunes. 2009. Movement and resumption in null possessor constructions in Brazilian Portuguese, em Jairo Nunes (ed.) *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company: 51-68.
- Fox, Danny. 1995. Condition C and ACD, em Robert Pensalfini e Hiroyuki Ura (eds.) *Papers on minimalist syntax: MIT Working Papers in Linguistics*, 27: 105-119.

- Fox, Danny. 1999. Reconstruction, binding theory and the interpretation of chains, em *Linguistic Inquiry*, 30: 157-196.
- Gafter, Roey. 2014. The distribution of Hebrew possessive dative construction: guided by unaccusativity or prominence? Em *Linguistic Inquiry*, 45: 482-500.
- Galves, Charolote. 1998. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro, em *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Universidade Estadual de Campinas, 34: 19-31.
- Galves, Charolote. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Gavruseva, Elena. 2000. On the syntax of possessor extraction, em *Língua*, 110: 743-772.
- Giorgi, Alessandra e Guiseppe Longobardi, 1991. *The syntax of noun phrases: configurations, parameters and empty categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Guéron, Jacqueline. Inalienable possession, PRO-inclusion and lexical chains, em Hans-Goerg Obehauer, Jean-Yves Pollock e Jacqueline Guéron (eds.) *Grammatical representations*. Dordrecht: Foris: 43-86.
- Hale, Kenneth e Samuel Jay Keyser. 1987. A view from the middle. *Lexicon Project Working Papers 10*, Cambridge, MA: The MIT Press.
- Henry, Alison. 2012. Phase edges, quantifier float and the nature of (micro-)variation, em *Iberia*, 4: 22-39.
- Hole, Daniel. 2004. Extra argumentality - a binding account of "possessor raising" in German, English and Mandarin, em Ji-Yung Kim, Barbara Hall Partee (eds.) *Possessives and beyond: semantics and syntax*. Amherst, MA: GLSA Publications: 365-383.
- Hornstein, Norbert. 1994. An argument for Minimalism: the case of antecedent-contained deletion, em *Linguistic Inquiry*, 25: 455-480.
- Hornstein, Norbert. 1999. Movement and control, em *Linguistic Inquiry*, 30: 69-96.
- Hornstein, Norbert. 2001. *Move!: a minimalist theory of construals*. Malden, MA: Blackwell Publishers.
- Hyman, Larry, Daniel Keith Alford e Elizabeth Aktapi. 1970. Possessor raising in Igbo, em *Journal of Western African Languages*, 2: 85-101.
- Jaeggli, Osvaldo, 1986. Three issues in the theory of clitics, em Hagit Borer (ed.) *Syntax and Semantics 19*. New York: Academic Press. 15-42.
- Kennedy, Chris e Beth Levin. 2008. Measure of change: the adjectival core of verbs of variable telicity, em Louise McNally and Chris Kennedy (eds.) *Adjectives and adverbs in semantics and discourse*. Oxford: Oxford University Press: 156-182
- Koontz-Garboden, Andrew. 2007. *States, changes of state and the monotonicity hypothesis*. Tese de doutorado, Universidade de Stanford, Stanford. Inédita.
- Landau, Idan. 1999. Possessor raising and the structure of VP, em *Língua*, 107: 1-37.
- Lasnik, Howard. 2020. Levels of representation and semantic interpretation: a brief history and a case study. Comunicação apresentada em *Abralin ao Vivo – Linguistics Online*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jfG6j0Cwi6I>
- Lee-Schoendeld, Vera. 2015. The syntax of external and internal possessor variation in German inalienable possession, em Gabriele Diewald (ed.) *Non-central usage of datives – Language typology and universals*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Legate, Anne Julie. 2003. Some interface properties of the phase, em *Linguistic Inquiry*, 34: 506-516.
- Lobato, Lúcia Pinheiro. 2007. Linguagem e cognição: a referencialidade como um construto mental, em *DELTA*, 23:1-16.
- Lødrup, Helge. 2018. Prominent Internal Possessors and Backward Possessor Raising: Norwegian ryggen på ham 'the back on him', em Miriam Butt, Tracy Holloway King (eds.) *Proceedings of the LFG'18 Conference*. CSLI Publications: 229-248.
- Lunguinho, Marcos Vinícius. 2006. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas, em Denise da Silva (ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cãnone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste: 133-147.
- MacCloskey, James. 2000. Quantifier floating and wh-movement in an Irish English, em *Linguistic Inquiry*, 31: 57-84.
- Merchant, Jason. 2001. *The syntax of silence: sluicing, islands and the theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press.
- Matushansky, Ora. 2005. Going from a phase, em *MIT Working Papers in Linguistics*, MIT, 49: 157-181.
- May, Robert. 1979. Must comp-to-comp movement be stipulated? Em *Linguistic Inquiry*, 10:719-725.
- Medeiros, Alessandro Boechat de. 2010. Para uma abordagem sintático-semântico do prefixo des-, em *Revista da ABRALIN*, 9: 95-121.
- Medeiros, Alessandro Boechat de. 2016. Prefixos, recursividade e a estrutura do sintagma verba, em *Revista do GEL*, 13: 56-86.

- Nie, Yining. 2019. Raising applicatives and possessors in Tagalog, em *Glossa: A Journal of General Linguistics*, 4: 139.
- Nissenbaum, Jon. 2000. *Investigations of covert phrase movement*. Tese de doutorado, MIT, Cambridge. Inédita.
- Payne, Doris e Immanuel Barshi. 1999. *External Possession*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Roberts, Ian. 1987. *The representation of implicit and dethematized subjects*. Dordrecht: Foris.
- Rodrigues, Cilene. 2004. Impoverished morphology and A-movement out of Case domains. Tese de doutorado, Universidade de Maryland, College Park. Inédita.
- Rodrigues, Cilene. 2010. Possessor raising through thematic positions, em Nobert Hornstein and Maria Polinsky (eds.) *Movement Theory of Control*. Amsterdam: John Benjamins: 119-146.
- Rodrigues, Cilene e Lena dal Pozzo. 2017. Whose feet is it? Pronominal possessives in drop-drop languages: an experimental study, em *Revista Letras*, 96: 461-486.
- Sauerland, Uli. 2003. Intermediate Adjunction with A-Movement, em *Linguistic Inquiry* 34: 308-314.
- Sigurðsson, Halldor Armann. 2000. The locus of case and agreement, em *Working Papers in Scandinavian Syntax*, 65: 65-108.
- Szabolcsi, Anna. 1983. The possessor that run away from home, em *The Linguistic Review*, 3: 89-112.
- Shibatani, Masayoshi. 1994. An integrational approach to possessor raising, ethical datives and adversative passives, em *Proceedings of Berkley Linguistic Society*, 20: 461-485.
- Sigurðsson, Halldor Armann. 2000. The locus of case and agreement, em *Working Papers in Scandinavian Syntax*, 65: 65-108.
- Tellier, Christine. 1991. *Licensing theory and French parasitic gaps*. Dordrecht: Kluwer.
- Tenny, Carol. 1987. *Grammaticalizing aspect and affectedness*. Tese de doutorado, MIT, Cambridge. Inédita.
- van Urk, Coppe. 2015. *A uniform syntax for phrasal movement: a case study of Dinka Bor*. Tese de doutorado, MIT, Cambridge. Inédita.
- Vergnaud, Jean-Roger e Maria Luisa Zubizarreta. 1992. The definite determiner and the inalienable constructions in French and English, em *Linguistic Inquiry*, 23: 595-652.
- Villalva, Alina. 1994. Configurações não binárias em morfologia, em *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri. 583-597.